

PONTAL DA BARRA DO LARANJAL E OS GUARDIÕES DA MEMÓRIA AMBIENTAL: CONFLITO SOCIOAMBIENTAL E A NOÇÃO DE PERTENCIMENTO

MARCIANO SANCA¹;
FLÁVIA RIETH²

¹*Universidade Federal de Pelotas 1 – sancamarciano@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – riethuf@uol.com.br*

1. INTRODUÇÃO

Na tarde de 11 de maio do ano em curso, a turma do componente curricular Antropologia e Meio Ambiente: conflitos ambientais na intersecção dos estudos de ecologia política e antropologia ambiental, ministrado pelas Professoras Flávia Rieth, Adriana Penafiel e Ana Luiza Rocha, realizou caminhada nas bordas de Lagoas de Patos e Mirim, e Canal São Gonçalo no município de Pelotas-RS. Este exercício etnográfico teve o objetivo de possibilitar a experiência de percepção do ambiente, neste sentido, seguimos do trapiche da praia do Laranjal em direção a comunidade dos pescadores Pontal da Barra. Caminhamos com o Prof. Giovanni Nachtigall Maurício, biólogo e ambientalista que nos apresentava as características de flora e fauna do ambiente de várzea.

Cada um dos participantes fez uma observação atenta, objetivando compreender as múltiplas realidades da comunidade e do lugar. Considerando o avanço da cidade sobre o Pontal, o presente trabalho consiste em refletir sobre o sentimento de pertencimento ao lugar, atentando para a noção de memória ambiental. O projeto da criação de uma Unidade da Conservação (UC) no Pontal da Barra foi proposto desde 2017, por um grupo de estudiosos (ambientalistas e arqueólogos) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Este projeto destaca o potencial turístico, arqueológico, ambiental e cultural que a comunidade apresenta, tornando-a guardiã do lugar e da memória coletiva.

Segundo KRENAK (2019), as pessoas apresentam vínculos profundos com os lugares onde vivem, guardam memórias e mantêm as suas ligações com a ancestralidade porque são referências que sustentam, alimentam e fortalecem as identidades compartilhadas com as novas gerações. Desse modo, KOPENAWA; ALBERT (2010) consideram que tudo no Universo está interligado como teia de aranha. As pessoas estabelecem relações harmoniosas com a natureza, por isso, proteger a floresta, demarcar a terra, significa preservar intercâmbios cosmológicos que constituem e asseguram existência da comunidade, encontrando equilíbrio na relação entre humano, não-humano e natureza. Para SOUSA SANTOS (2007), a ecologia dos saberes integra as experiências cotidianas, que inspiram as escolhas sobre o lugar em que a comunidade vive. Para LEONEL (2014) a memória ambiental é uma paisagem coexistencial, maneira de conviver entre agências não-humanas vivas presentes na comunidade com os humanos. Ainda na perspectiva do autor referenciado, o meio ambiente carrega significações memorialísticas e patrimonialistas, tanto pela simbólicas que encerram quando se pensa a sua relevância sociocultural, sendo capaz de evocar imagens do passado que duram e contrastam no/com o presente, pelo que representa, se se considerar a conservação da biodiversidade urbana.

2. METODOLOGIA

Segundo VELHO (1980), investigar consiste em refletir sobre a sociedade e cultura diante da heterogeneidade e complexidade do mundo contemporâneo, evidenciando os conflitos existentes nos diferentes contextos. Para ECKERT; ROCHA (2013) o exercício da etnográfica na rua, no bairro, na cidade, na comunidade, inclui a câmera na mão, a introdução de instrumentos audiovisuais faz parte do olhar e atitude de coleta de dados, interpretação das configurações da vida social na cidade. Da mesma forma, o ato de andar se torna uma estratégia para igualmente interagir com a população, humanos e não humanos com as quais cruzamos durante a caminhada, realizando o encontro antropológico. Ainda, na perspectiva de ECKERT; ROCHA, a etnografia da rua consiste no investimento que contempla uma reciprocidade cognitiva como uma das fontes de investigação, interpretação das figurações da vida social da cidade à própria retórica analítica do pesquisador em seu diálogo com o seu objeto de pesquisa, a cidade e seus habitantes. A caminhada que fizemos a pontal da barra, se transforma em etnografia de rua, observação sistemático, descrição etnográfica dos cenários, das personagens que conformam a rotina de tensão e conflito, ruídos, cheiros, cores, de entrevistas com moradores, buscando as significações que o meio carrega no viver, buscando também compreender aspectos do morar no Pontal.

No Pontal da Barra, conversamos informalmente com três interlocutores/moradores da comunidade: a Dona Rosa, dona do armazém local, casada com pescador, e com filhos que trabalham na pesca. Leonardo, pescador e pedreiro nos períodos de defeso e, Renato, 11 anos, filho de Leonardo. O texto traz ainda as falas levantadas na audiência pública que teve lugar na Câmara de Vereadores da Pelotas, no dia 20 de junho de ano em curso, audiência essa que reuniu moradores de pontal, vereadores/as, prefeita de Pelotas, defesa civil, representantes da UFPEL e ambientalistas, a fim de discutir a problemática socioambiental do local considerando os projetos de criação da unidade de conservação e construção da estrada, entre outros. Para gravação das entrevistas, usei celular *smartphone*. As referências bibliográficas e as discussões apresentadas são fruto das reflexões proporcionadas pelo componente curricular de Antropologia e Meio Ambiente.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Logo na entrada da comunidade de pescadores visitada, a turma parou na venda da dona Rosa para conversar. Das várias perguntas que lhe foram colocadas, percebe-se que ela e a família são os mais antigos moradores da comunidade, o que lhes concede vínculo de pertencimento, afeto com o lugar. As paisagens abarcam elementos que constituem patrimônios culturais que se transformam em acervos de memórias da comunidade. Dona Rosa afirma que:

Morar na beira da lagoa é muito bom ... viemos morar aqui porque meu marido era pescador, criamos os filhos aqui, aqui não tem esses assaltos que tem na cidade, aqui é tranquilo, todo mundo me conhece ... o ar é tão bom. Eu levanto 4 h para assar pão e conheço todo mundo, se tu chegaste e diga o nome, eu te digo, ele não mora aqui, porque todo mundo se conhece aqui.

Ainda, na narrativa de dona Rosa “todo mundo gosta de pescar, contudo, é uma profissão dolorida, mas ainda é honesta”.

Leonardo afirma que a prefeitura através de ação judicial quer removê-los do lugar, acusando-lhes de causar impacto ambiental nos banhados, outra justificativa

utilizada era a de que residem em uma área de risco. A casa de Leonardo é um pouco mais distante das demais casas, sem energia elétrica, sem água, mesmo assim, ele pretende e está lutando para ficar. Na sua fala: “eu gosto daqui, já fiz tanto tempo aqui, não me vejo mais longe daqui, é que estou tentando ficar, não sei se vão deixar, vamos ver aí na justiça, mas se me tirarem daqui vou morrer”. Demonstra sentimento de pertença, de afeto que tem com seu meio. Sendo assim, a memória ambiental carrega processo histórico, no qual, as comunidades construíram as suas identidades. Por isso, conservar o meio, possibilita à comunidade conectar com seu mundo, as suas ancestralidades, suas práticas. Assim, os mais velhos são guardiões dessas memórias, responsáveis por transmiti-las aos mais novos.

Renato, de 10 anos, filho de Leonardo que estava andando de cavalo, afirmou que: “Fui eu quem domou esse cavalo”. Ele conhece o terreno onde o cavalo pode andar sem fazer grandes esforços, as áreas que têm ratão, cobra, assim, percebe-se que ele está construindo seu modo de vida e seu mundo a partir do lugar da vivência.

Para ADOMILLI (2021) no que lhe concerne, os saberes são transmitidos de uma geração a outra e são atualizados constantemente através das experiências adquiridas dos ensinamentos colocados em prática pelos mais jovens. Em muitas sociedades, esses conhecimentos são passados aos mais novos por meio de narração de histórias. Os moradores dessa região são guardiões da memória do lugar, memórias que exercem importante papel na formação sociocultural, econômica, política de crianças e jovens da comunidade. Assim, filhos/as de pescadores são socializados e educados naquele ambiente com pés na água, limpando peixe e frequentando a escola.

Durante a audiência pública, em representação da prefeita de Pelotas, Eduardo Scheffer, secretário de qualidade ambiental de município afirma que:

Foi feita em 2021 referenciamento da área, avaliação dos imóveis, são em torno de 7/8 grandes glebas, algumas glebas bem significativas, já conversamos com um dos proprietários e devemos retomar diálogo com proprietários dos imóveis, Já chegamos a discutir no âmbito de ministério público a realocação das famílias, em 2021, a secretaria da ambientação realizou último cadastro técnico social das famílias em torno de 67/70 famílias hoje vivendo no pontal da barra, assim, não é viável fazer uma estrada de grande envergadura, para que não houvesse crescimento populacional na localidade.

A audiência serviu para que a prefeitura, ambientalista e moradores encontrassem solução para o Pontal. Na mesma audiência, Fabiane da Fonseca, filha do pescador João Carlos da Fonseca, moradora da comunidade, pesquisadora e técnica ambiental afirma que:

Pontal da barra não só como local da moradia (ocupação irregular, zonas de risco). Não se vivem em zona de risco, porque está completamente adaptado aquela realidade, uma etno-engenharia que a comunidade construir para se manter e garantir seu modo de vida, se tira um pescador artesanal do seu território, simplesmente, destrói o modo de vida dele, porque ele depende daquilo dali, não só para trabalho e gerar renda, mas toda sociabilidade e garantir alimento de qualidade, contribua no combate à insegurança alimentar a nível nacional e local, no município de pelotas.

Ainda na nessa audiência, João Carlos da Fonseca, morador de pontal e pescador considera que:

A gente pesca e vende, ali produzimos alimentos, a gente vive de maré, quando enche, a gente ganha peixe e dinheiro, precisamos de ajuda de vocês, não deixa a gente no cantinho, se tiraram gente de lá, pra cidade, vamos morrer tudo de fome, pra nós, não existe área de risco, não é área de risco, sabe por que, porque sabemos nadar, todo filho de pescador sabe nada, não temos medo de água, temos medo de seca, porque se secar, vamos passar fome. se trazer a gente para cidade aí vamos correr risco, vamos morrer tudo de fome, não sabemos fazer nada além de pescar.

Percebe-se a resistência que moradores da comunidade estão travando, é para manter seu modo de vida.

4. CONCLUSÕES

Ontologia é uma forma de saber/ser/fazer o mundo, é uma maneira de ser e de estar no lugar, constituir redes de relações com não humanos. Os seres humanos mediam as suas relações com o mundo a partir de repertório simbólico e das suas memórias. Assim sendo, buscamos perceber o ambiente sociocultural e ambiental por intermédio do encontro antropológico com humanos e não humanos, considerando o caminhar pelas margens da laguna e da cidade. Percebe-se que a comunidade pesqueira consegue manter os seus modos de vida através da pesca, preservando os seus modos de vida. A experiência da caminhada permite compreender e trazer para universo acadêmico as experiências, outros modos de vida, que outrora são invisibilizadas, retidas nas frestas do edifício cultural hegemônico, por modos estereotipados de representações e reprodução da realidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ECKERT, C. .; ROCHA, A. L. C. da. *Etnografia da rua: estudos de antropologia urbana*. Porto Alegre: Editora Ufrgs, 2013.
- INGOLD, T. *Caminhando com dragões: em direção ao lado selvagem*. IN: STEIL, C. A. e CARVALHO, M. C. de M. **Cultura, Percepção e Ambiente: Diálogos com Tim Ingold**. Editora Terceiro Nome: São Paulo, 2012.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*. Trad. de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **“Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes”**. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 79, nov. 2007.
- SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da. *Paisagens do Bosque Rodrigues Alves*, Belém (PA): considerações sobre a conservação do patrimônio urbano no contexto amazônico. *Antítese*, v. 7, n. 14, p. 230-257, jul. - dez. 2014
- UFPEL, acessado em 2022, no: <https://wp.ufpel.edu.br/caamb/uc-pontal/>.
- VELHO, Gilberto. **O desafio da cidade**: novas perspectivas da antropologia brasileira. Rio de Janeiro: Campus, 1980.